

A REVOLUÇÃO DE RIMBAUD

L. RUAS

INDICE – 1967

O JORNAL

- 1 A REVOLUÇÃO DE RIMBAUD–I. 25 de junho de 1967**
- 2 A REVOLUÇÃO DE RIMBAUD (Conclusão). 2 de julho de 1967**

A REVOLUÇÃO DE RIMBAUD - 1

O JORNAL, 25 de junho de 1967.

André Breton que é considerado o pai do Surrealismo dizia referindo-se à obra poética de Rimbaud: “Cette oeuvre, qui a révolutionné la poésie, mérite de demeurer en vigie sur notre route”. Em que sentido Rimbaud revolucionou a poesia?

Jean-Nicolas-Arthur Rimbaud nasceu na segunda metade do século XIX, no ano de 1854. O século XIX foi o século do Romantismo, do Realismo, do Naturalismo, do Parnasianismo e o século de Baudelaire, de Verlaine, de Mallarmé e de Rimbaud. O Parnasianismo foi uma reação ao desregramento formal sofrido pelo verso durante o Romantismo. Foi um retorno ao artesanato, ao trabalho paciente e meticuloso da construção técnica do verso, à

estruturação perfeita das cesuras, à pesquisa paciente de um fecho de ouro para os sonetos. A disciplina era o primeiro cânone da poesia dos parnasianos franceses. O verso não podia ficar à mercê da imaginação ou da inspiração, estas é que se deviam submeter a uma técnica perfeita de construção. As rimas pobres deviam para sempre ser banidas. As palavras deviam ser procuradas, catadas, selecionadas com todo esmero e deviam ser empregadas somente aquelas que se destacassem “pela sua sonoridade ou por sua raridade”. O ritmo assume a cadência majestosa de marchas triunfais: é pesado, musical, martelado com vigor. Em suma, o Parnasianismo pôs fim à orgia desenfreada e descontrolada do Romantismo. Por outro lado, a disciplina formal exigia, também, uma disciplina de conteúdo. Ao lirismo e ao subjetivismo próprios da escola romântica, àquela expansão irrefreada dos sentimentos e das paixões tão peculiar aos românticos, a um Lamartine, por exemplo, e mesmo a um Victor Hugo, os parnasianos contrapõem uma inspiração

intelectualizada e culta. Há, mesmo, no Parnasianismo um retorno à antiguidade clássica. A mitologia greco-romana e os grandes temas da História reconquistam uma primazia extraordinária. Theodore de Banville, aos dezenove anos de idade, publica uma obra intitulada *Cariatides* que é uma homenagem ao gênio grego e em obras posteriores imita os gêneros poéticos da Idade Média. Heredia procura fazer de cada soneto uma síntese histórica: “tenta exprimir a alma de uma civilização (Vitrail), a grandeza de uma cena histórica (Après Cannes), o sonho de uma epopéia heróica (Les Conquérants), o gênio de um poeta ou de um artista (Michel-Ange)”.

Em 1857 apareceria um livro de poemas que iria exercer uma grande influência na poesia posterior da França e do mundo inteiro: *Les Fleurs du Mal* de Charles Baudelaire. Baudelaire foi um atormentado e ele chamava ao seu livro de “livro atroz” em carta a M. Ancelle. E por que era um livro atroz? Nesta mesma carta encontramos a explicação dada pelo próprio autor: “É

necessário que vos diga, a vós que não me compreendestes tanto quanto os demais, que neste livro atroz coloquei todo o meu pensamento, todo meu coração, toda minha religião (travestie), todo meu ódio; é verdade que eu escreveria o contrário, que juraria pelos meus grandes deuses que é um livro de arte pura, de zombaria, de charlatanice e mentira como um arrancador de dentes”. Esta foi, sem dúvida, a grande inovação trazida por Baudelaire. As *Fleurs du Mal* são uma retomada do lirismo. Do lirismo, sim, mas de um lirismo denso e obscuro, tecido de uma atmosfera carregada pelas sombrias névoas de um pessimismo incurável, de um prolongado e intenso tédio pela vida da qual ele é um filho maldito e na qual ele se julga sempre um exilado. Por esta razão, Baudelaire é um fugitivo. A realidade o tortura e ele deseja sempre fugir, se livrar dela. Eis porque ele “exaltou a embriagues sob todas as formas: todas as vertigens são boas desde que livrem o homem da amarga meditação sobre seu destino”. Na primeira parte de *Fluers du Mal* há quatro poemas

dedicados a Morte, “poemas de uma construção pesada, de um ritmo lúgubre” e a parte final, a última parte do livro se intitula a Morte. A morte é uma constante em Baudelaire e lhe parece a única solução para os seus males profundos. E as duas derradeiras estrofes do último poema desta última parte, poema que se intitula *Le Voyage*, são os seguintes:

Ó Morte, velho capitão! É tempo! Levantemos ferros!

***Este país nos enoja! Ó morte, preparemo-nos!
Se o céu e o mar são negros como as trevas,
Nossos corações que tu conheces estão cheios de luzes!***

***Dá-nos o teu veneno para que ele nos conforte!
Queremos tanto, tanto este fogo nos devora o cérebro,***

Mergulhar no fundo abismo – Inferno ou Céu – que importa! No fundo do Desconhecido para encontrar o NOVO.

Mas enquanto a morte não chega Baudelaire descobre um meio de escapar ao tédio da vida; a Beleza o salva do horror da realidade e o transporta para regiões transfiguradas e luminosas:

***Se tu vens do céu ou do inferno, que importa,
Ó Beleza, Monstro enorme, terrível e tão
ingênuo!***

***Se teus olhos, teu riso, teus pés abrem-me a
porta***

***De um Infinito que sempre amei e jamais
conheci!***

***De Satã ou de Deus, que importa? Anjo ou
Sereia,***

***Que importa, se tu fazes – fada de olhos de
veludo,***

Ritmo, perfume, clarão, ó minha única rainha!

***O universo menos disforme e os minutos menos
pesados?***

**Este culto a uma Beleza idealizada e distante é a
confissão amarga e dolorida? de uma alma solitária; e**

revoltada são, com certeza, os elementos novos que o autor de *Fluors du Mal* traz à poesia deste fim de século.

Quatro anos depois do aparecimento da primeira edição de *Fluors du Mal* nascia em Charleville, na rua Napoleão, nº 12, Arthur Rimbaud, filho de Frederic Rimbaud e de Vitalie Cuif. Aos oito anos de idade, começa seus estudos na instituição Rossat. E, aos dez, numa composição escolar ele já manifesta claramente seu gênio e seu caráter revoltado. “Para que, eu me perguntava a mim mesmo, aprender grego e latim? Não o sei. Afinal ninguém tem necessidade disso... Para que aprender latim? Ninguém fala esta língua. Algumas vezes vejo latim nos jornais. Mas, se Deus quiser, eu não serei jornalista. Para que aprender história e geografia? Tem-se, é verdade, precisão de saber que Paris está na França. Mas não se precisa saber a que grau de latitude. E a história? Aprender a vida de Chinaldon, de Napolassar, de Dario, de Ciro, de Alexandre, de seus outros companheiros notáveis por seus nomes diabólicos, é um suplício. Que me importa a mim que

Alexandre tenha sido célebre! Que me importa?...". Apesar disso, o talento do menino se mostrava com todo vigor e, aos quatorze anos de idade, no dia 8 de maio de 1868, "dirige ao príncipe imperial, no maior segredo uma carta em versos latinos (60 hexâmetros) por ocasião de sua primeira comunhão". No ano seguinte uma composição sua, também em latim, intitulada *Jugurtha*, lhe obtém o primeiro prêmio em um Concurso Acadêmico de sua escola. É de 1869 a primeira composição em francês: *Les Étrennes des Orphelins*. Mas foi o ano de 1870, o ano decisivo para sua obra poética. Trava amizade com Georges Izambard e escreve vinte e dois poemas.

Izambard exerceu uma influência decisiva sobre Rimbaud. Era um jovem professor de idéias revolucionárias e fez com que o poeta lesse Rabelais e Victor Hugo. No dia 24 de maio, Rimbaud escreve uma carta a Theodore de Banville anexando uns poemas (*Sensation; Ophélie e Credo in Unam* posteriormente intitulado *Soleil et Chair*) na esperança de que seus

trabalhos fossem publicados no *Parnasse Contemporaine*. “Caro Mestre”, começava ele sua carta, “estamos no mês do amor. Tenho dezessete anos. A idade das esperanças e das quimeras, como se diz, e eis que eu, criança tocada pelo dedo da Musa – perdão pela banalidade – comecei a dizer as minhas crenças ingênuas, minhas esperanças, todas estas coisas de poetas. Chamo a isto, primavera. Se eu vos envio alguns destes versos, passando por Alphonse Lamerre, o bom editor, é porque eu amo todos os poetas, todos os bons Parnasianos – pois o poeta é um Parnasiano – arrebatados pela beleza ideal é porque eu amo em vós, embora simplesmente, um descendente de Ronsará, um irmão dos nossos mestres de 1830, um verdadeiro romântico, um verdadeiro poeta. Eis a razão. É uma tolice, não é? Mas, enfim...” E continua afirmando que dois anos mais tarde estaria em Paris e seria, também, um Parnasiano. Jura ao “caro mestre” adorar sempre as duas deusas, a Musa e a Liberdade. E conclui: “Eu não sou conhecido, que importa? Os poetas são irmãos.

Esperam. É tudo. Caro mestre, atendei-me. Erguei-me um pouco. Eu sou muito jovem. Estendei-me a mão”.

A mão de Banville, porém, não se estendeu ao jovem poeta de alma tão impetuosa, intrepidante, tão cheia de vibrações. Seus versos jamais foram publicados pelos mestres parnasianos. É no jornal satírico *La Charge* que Rimbaud publica pela primeira vez um poema seu intitulado *Première Soirée*:

**Ela estava quase despida
E grandes árvores indiscretas
Olhavam com seus ramos na vidraça,
Maliciosamente, muito perto, muito perto.**

As idéias revolucionárias de Izambard influenciaram muito em Rimbaud. Neste ano de 1870, quando a guerra se desencadeou na França, o poeta vende seus livros por pouco mais ou nada e compra uma passagem para Cheleroi. Mas seu destino era Paris. Não havendo pago a passagem inteira fica detido em Mazas. Não realiza assim seu intento de assistir a “provável queda do

governo imperial”. Graças a intervenção de Izambard ele é solto e retorna à sua cidade. Mas, em pleno vigor da adolescência, sua alma inquieta não sossega. Ele traz dentro de si um amor violento, um gosto feroz de aventuras. São, neste sentido, muito significativas as palavras que lhe são atribuídas neste período: “Que trabalho! Tudo deve ser demolido, tudo deve ser apagado da minha mente! Ah! como é feliz o menino abandonado numa fazenda, criado ao acaso, chegando à idade de homem sem qualquer idéia incluída por professores ou por uma família, novo, nítido, nem princípios, sem noções – pois tudo o que nos ensinam é farsa! – e livre, livre de tudo!” Este anseio de liberdade o guiará daí para a frente. Sua vida será uma constante aventura. Dez dias depois de seu retorno a Charleville, Rimbaud escapará da vigilância de sua mãe e, a pé, se dirige para a Bélgica. Pretende ser jornalista. Escreve neste período mais alguns poemas. Não consegue ingressar no jornalismo e, decepcionado, vai para Bruxelas. Ai um amigo de Izambard o acolhe e fá-lo, depois, voltar para Doual onde

se encontra com seu professor. Escreve novos poemas e, por insistência de sua mãe ele regressa a Charleville no fim de 1870. Mas sua alma inquieta, turbilhonante não encontra sossego. Em carta dirigida a Izambard ele se queixa da vida que está levando: “Je meurs, je me décompose dans la platitude, dans la mauvaiseté, dans la grissaille”. Passa os dias na biblioteca pública de Charleville e lê, então, os socialistas franceses tais como Proudhon, Babeuf, Saint-Simon, romances do século XVIII e obras sobre ocultismo. Suas leituras escandalizam o bibliotecário. Ele escreve o poema satírico para se vingar: *Les Assis*. No dia 25 de fevereiro de 1871 Rimbaud foge novamente de casa. Vende seu relógio de prata e apanha o trem rumo a Paris onde permanece quinze dias, sem um tostão no bolso e, depois, retorna a Charleville. Nesta oportunidade escreve um Projeto de Constituição Comunista que desapareceu, e do qual temos notícias através de seu amigo Delahaye.

Este ano de 1871 foi cheio de crises e de transformações. Suas idéias revolucionárias, não

permanecem apenas no campo da política. Uma revolução interior se processa em Rimbaud. É o ano da grande crise [da] religião: crise de anticristianismo e de anticlericalismo. É ainda Delahaye que testemunha. Quando ele via um padre passar dizia “em voz alta, com timbre mordaz: um padre”! Quando os dois saiam a passeio pelo jardim público de Charleville, Delahaye, varias vezes vi-o escrever com giz nos bancos do jardim: M... à Dieu! Mas é também o ano de sua revolução estética. No dia 13 de maio escreve uma carta a Izambard onde expõe sua ... concepção de poeta ... quero ser o maior crápula possível. Por que? Porque quero ser poeta e trabalho para me tornar um vidente. Vós não compreendeis absolutamente, e eu não saberia vos explicar também. Trata-se de chegar ao desconhecido pelo desregramento de todos os sentidos. Os sofrimentos são enormes porém é necessário ser forte, ter nascido poeta e eu me reconheço um poeta. Não sou culpado disso. É falso dizer: Eu penso. Dever-se-ia dizer: Sou pensado. Perdão pelo jogo de palavras”.

Dois dias depois escreve a Demeny uma carta sobre o mesmo assunto, a famosa Carta do Vidente. Nesta carta critica acerbamente a poesia antiga e exalta a descoberta do Eu. “Porque o Eu é um outro. Se o cobre desperta brilhos não é por sua culpa. Isto me é evidente; assisto à eclosão do meu pensamento, observo-a, escuto-a. Dou um golpe com o arco; a sinfonia turbilhona nas profundidades ou, de um salto, surge em cena. Se os velhos não tiveram do Eu senão um falso significado não nos compete senão banir estes milhões de esqueletos que durante um tempo infinito acumularam os produtos de suas inteligências caolhas proclamando-se autores!... O primeiro estudo do homem que quer ser poeta é o seu próprio conhecimento, total. Deve procurar sua alma, observá-la, seduzi-lo, capturá-la. Desde que a conheça, deve cultivá-la! Isto parece simples: em todo cérebro se realiza um desenvolvimento natural; tantos egoístas se proclamam autores, outros se atribuem seu progresso intelectual! Trata-se, porém, de tornar a alma monstruosa: quem sabe, semelhante aos

“comprachicos”. Imaginai um homem que produzisse e cultivasse berrugas no seu rosto. Digo que é preciso ser vidente, tornar-se vidente. O Poeta se torna vidente por um longo, imenso e raciocinado desregramento de todos os sentidos. Todas as formas de, de sofrimento, de tortura; ele mesmo procura, esgota em si todos os venenos para guardar deles apenas a quintessência. Inefável tortura na qual tem necessidade de toda a fé, de toda força sobre-humana, na qual ele se torna entre todos o grande doente, o grande criminoso, o grande maldito – é o sábio Supremo! Porque ele chega ao desconhecido! Porque ele cultivou sua alma, rica por si mesma, mais do que ninguém! Ele chega ao desconhecido e quando, enlouquecido, perder a compreensão de suas visões, ele já as viu”. E mais adiante: “O poeta é verdadeiramente um ladrão de fogo. Ele está carregado da humanidade e mesmo dos animais. Deverá fazer sentir, apalpar, ouvir suas invenções. Se o que ele traz de lá debaixo tem forma; se é informe, ele lhe dá o informe. Descobrir uma língua... Esta língua será

de alma para alma, resumindo tudo: perfumes, sons, cores, o pensamento atraindo o pensamento e o abandonando. O poeta definirá a quantidade do desconhecido despertando no seu tempo na alma universal. Ela dará mais que a fórmula do seu pensamento, que a anotação da sua marcha para o progresso. A enormidade tornando-se norma, absorvida por todos, ele será verdadeiramente um multiplicador do progresso!”. Em seguida Rimbaud faz um rápido retrospecto da poesia francesa e aponta os grandes videntes. “Os primeiros românticos foram videntes sem se dar conta disso...”. “Lamartine é às vezes vidente mas estrangulado pela forma velho...”. “Hugo viu bem nos últimos volumes: *Les Misérables* são um verdadeiro poema...” “Musset é quatorze vezes execrável para nós, gerações dolorosas e presas de visões, insultadas pela sua preguiça de anjo...” “Os segundos românticos são muito videntes: Théophile Gautier, Leconte de Lisle, Théodore de Bonville. Mas ver o invisível e ouvir o desconhecido sendo uma coisa completamente diferente

de retomar o espírito das coisas mortas, Baudelaire é o primeiro vidente, rei dos poetas, um verdadeiro Deus...”

Rimbaud se refere aqui com certeza àquela contribuição trazida pelo autor de *Fleurs du Mal* e não à sua forma poética pois acrescenta: “Ele viveu, porém, num meio muito artista; e a forma tão louvada, nele é mesquinha”.

E conclui: “As descobertas do desconhecido exigem formas novas”. E já no fim se refere à “nova escola parnasiana” que, para ele, possui “dois videntes – Albert Merat e Paul Verlaine, - “um verdadeiro poeta”. ✂

A REVOLUÇÃO DE RIMBAUD (conclusão)

O JORNAL, 2 de julho de 1967

**Verlaine é um capítulo importante na vida e na obra de
V Rimbaud. Foi ainda em 1871, diante aquela sua
fastidiosa, mas, ao mesmo tempo, importante
permanência em Charleville que Rimbaud trava relações
com Verlaine, através de um amigo comum, chamado
Bretagne. Este se oferece como intermediário entre os
dois. Rimbaud aceita entusiasticamente. Data de
setembro deste ano a primeira carta que Rimbaud
escreve a Verlaine enviando ao poeta parisiense alguns
poemas. Sem esperar resposta, escreve outra carta
enviando outros poemas. Uma terceira carta é remetida
a Paris na qual Rimbaud se queixa a Verlaine. “Tomei a
resolução de fazer um grande poema e não paro de**

trabalhar em Charleville. Estou impedido de ir a Paris. Minha mãe é viúva e extremamente devota. Ela já ... apenas dez céntimos aos domingos para pagar minha ... na igreja”. “E, ...mente a resposta esperada de Paris”. “Vem, querida grande alma. Eu te chamo, eu te espero”. Neste mesmo fim de setembro Rimbaud parte para Paris levando seus poemas entre os quais *Le Bateau Ivre*. Em Paris vai para a casa de Verlaine. Em companhia deste permanece dias e noites nos cafés de Quartier Latin. Esta vida boemia dos poetas desperta ciúmes na esposa de Verlaine que chega mesmo a fazer cenas. Rimbaud deixa a casa de Verlaine e vai morar com Ferain? na Rua Champagne-Première. Mas os poetas continuam se encontrando e se correspondendo. Do café de Closerie des Lilás Verlaine escrevia bilhetes para Rimbaud. O problema familiar de Verlaine, porém, não cessa. E Rimbaud esperando que seu distanciamento pudesse resolver a situação volta para Charleville. A correspondência entre os dois continua, Verlaine escreve a Rimbaud: “Bom amigo, é encantador o Ariette

oublíée. Palavras e música! Eu a decifrei e cantei! Obrigado por esta delicada oferta!” Rimbaud escreve para Verlaine: “... O trabalho está tão longe de mim quanto minha unha está do meu olho. Merda para mim! Merda para mim!”. Verlaine escreve para Rimbaud: “Rimbaud, Obrigado por tua carta, teu ‘hosannah’ por tua ‘prece’. Certamente nós nos reencontraremos! Quando? – Esperar um pouco! Necessidades duras! Oportunidades ingratas! Seja! E merda para uma como para outras! Merda também para mim! – e para ti! Mas me envia teus versos “maus (!!!!), tuas preces (!!!), enfim me sê sempiternamente comunicativo... E me escreve depressa... E não te creias jamais abandonado por mim! Remember! Memento! Teu P.V.”. Em julho deste ano Rimbaud se decide ir a Bélgica. Verlaine abandona sua mulher e o acompanha. Da Bélgica vão à Inglaterra. Verlaine se sente oprimido com saudade de sua mulher e porque esta deseja se separar legalmente dele. Rimbaud o abandona bruscamente e

volta para Charleville. Este ano ainda está assinalado por dois fatos importantes para a obra poética de Rimbaud: em agosto ele escreve seu último poema em verso e inicia as *Illuminations*.

Em janeiro de 1873 Verlaine adocece em Londres. Dizem seus biógrafos que o poeta exagerou seus males para despertar a piedade de Rimbaud e de sua mãe que viaja para Londres e envia dinheiro a Rimbaud para que ele regresse à Inglaterra. Rimbaud permanece em Roma durante a doença de Verlaine mas logo que este se restabeleceu volta para junto de sua família e começa a escrever seu poema em prosa *Une Saison En Enfer*. Estas duas obras encerram, sem dúvida, as grandes experiências poéticas de Rimbaud. É nas *Illuminations* que Rimbaud inventa uma linguagem poética inteiramente nova onde a não-discursiva se apresenta de maneira estonteante. É uma linguagem vibrante, colorida, construída por imagens insólitas. Vejamos:

Frases

Quando o mundo inteiro estiver reduzido a uma só floresta negra para os nossos olhos admirados – numa praia para duas crianças fiéis – numa casa musical para nossa clara simpatia – eu vos encontrarei.

Quando não houver aqui abandonado, calmo e belo, cercado por um “luxo exótico” – eu estarei sobre os vossos joelhos.

Quando eu houver realizado todas as vossas recordações – que eu seja aquela que sabe vos abraçar fortemente – eu vos asfixiarei.

*** * ***

Quando somos muito fortes – quem recua? Muito alegres – quem se torna ridículo? Quando somos muito criminosos – que farão de nós? Ornamentai-vos, dançai, - ri – Jamais poderia jogar fora o Amor pela janela.

*** * ***

Minha companheira, mendiga, criança monstruosa! Como se parecem contigo estas

**infelicidades e estas manobras e os meus
embaraços. Une-te a nós com tua voz impossível, tua
voz! Única zombadora deste vil desespero.**

*** * ***

**Manhã sombria, em julho. Um gosto de cinzas
voa no ar; um perfume de resina derrama-se na
lareira – as flores apodrecidas – a confusão dos
passeios – a bruma dos canais pelos campos – por
que não, agora, os brinquedos e o incenso?**

*** * ***

**Pendurei cordas de campadas de janelas a
janela; canário a campanário; guirlandas de ouro de
estrela e estrela. E danço.**

*** * ***

**O alto charco fumega continuamente. Que
feiticeira vai erguer-se sobre o leito alvacento? Que
florações violentas vão baixar?**

*** * ***

Enquanto os erários públicos esvaziam-se em festas de fraternidade, bimbalha um sino de fogo róseo entre as nuvens.

*** * ***

Avivando um agradável sabor de tinta da China, uma poeira negra chove docemente sobre minha vigília – diminuo a chama dos lustres, meto-me na minha cama e voltado para o lado das sombras, eu vos vejo, minhas filhas! minhas rainhas!

No dia 24 de maio de 1873 Rimbaud concorda em se encontrar novamente com Verlaine e ambos viajam novamente para a Inglaterra. Em Londres novos desentendimentos surgem entre os dois poetas. Desta vez é Verlaine que se separa de Rimbaud e parte para a Bélgica e algum tempo depois escreve a Rimbaud para que este se venha unir a ele. Rimbaud atende o apelo do amigo e viaja para Bruxelas. Aí, as brigas se sucedem cada vez mais violentamente entre os dois e um dia Verlaine, alcoolizado, atira em Rimbaud. Verlaine é preso

e Rimbaud retorna a Charleville, onde termina *Une Saison En Enfer* que é publicado no mesmo ano. Rimbaud retira que oferece a seus amigos e deixa o resto com os editores que ficam esperando o pagamento. Com a publicação de *Une Saison En Enfer* se encerra definitivamente a atividade literária do poeta. De 1874 a 1878 suas viagens pela Europa se amudavam e se dedica ao estudo de várias línguas: alemão, italiano, árabe, o grego moderno e o holandês. Em 1878 vai ao Oriente. Adoecendo em 1879, retorna à França e, em 1880, retorna a Chipre e depois viaja para o Egito como empregado de uma firma que comercia com peles e café. Encarregado pela casa Bardey de fazer explorações no Somal e no país Galla e levado pelo seu constante espírito de aventura, é o primeiro europeu a penetrar até Bubassa e a percorrer o Ogadine. No dia 10 de dezembro de 1883 dirige um relatório à Sociedade de Geografia que o publica. Na Abissínia vive maritalmente com uma nativa e tenta o tráfico de armas no que não é sucedido. Em fevereiro de 1891 Rimbaud é vitimado por um tumor

no joelho direito. Em março do mesmo ano já não consegue mais se levantar. Em maio retorna à França. A doença progride cada vez mais e ele fica em Marselha com sua irmã Isabelle e depois é internado no Hospital da Conceição. Continua piorando sempre. Sua irmã pede que ele aceite a visita de um padre. Rimbaud concorda e o sacerdote ao se retirar diz a Isabelle: “Minha filha o quê é que você dizia? Seu irmão tem fé, sim! E uma fé assim jamais vi, de tal qualidade”. No dia 10 de novembro de 1891, com trinta e sete anos de idade expirava o poeta das *Illuminations* e de *Une Saison En Enfer*.

Sua influencia, porém, na poesia francesa e na poesia universal ainda não cessou. Sua tentativa de criar uma linguagem que traduzisse perfeitamente a experiência poética naquilo que ela contém de elemento de sensibilidade e para através da sensibilidade atingir uma beleza transcendental que não pode ser captada pelas luzes da razão mas uma intuitividade poética que se

exprime por uma técnica verbal supra-racional, dando à palavra um poder que se aproxima da magia, será uma herança que chegava, através de Mallarmé, as mais audaciosas experiências do Surrealismo. A palavra para Rimbaud não era apenas um sinal gráfico, mas continha ou podia conter em si todas as “correspondências” sensoriais. Não era apenas um instrumento de entendimento, mas, também, um instrumento de percepção sensorial. Daí sua pesquisa no célebre soneto *Voyelles*: “Inventei a cor das vogais! A negro, E amarelo?, I vermelho, O azul, U verde. Regulamentei a forma e o movimento de cada consoante e, com ritmos instintivos, eu me vangloriava de inventar um verbo poético acessível, mais dias menos dias, a todos os sentidos”. A palavra deixava de ser, assim, um simples instrumento de comunicação e se revestia de poderes mágicos. “A procura dos poderes mágicos tem sido sempre uma perpétua tentação para os poetas; sedução falaciosa que destruiu naqueles a quem fez entrar num beco sem saída, primeiro o desinteresse próprio de toda atividade

do espírito e depois o gosto mesmo da criação poética. Desta tentação, um Gerard de Nerval foi tão consciente que ele se viu obrigado a triunfar dela “por um esforço admirável de vontade”, tentação à qual Rimbaud finalmente escapou, mas, a que preço! – renunciando à Poesia mesma, sem dúvida “porque isto era mau”... “esta ambição de conquistar poderes excepcionais”, mas, também, podemos crer, por causa da luz desesperadora na qual ele viu muito rapidamente que a poesia não dá tais poderes” (Raissa Maritain – *Magic, Poésie et Mystique* in *Situation de la Poésie*). É o próprio Rimbaud quem o confessa. A essa tentativa de fazer a “alquimia do verbo” ele chama “a história de uma das minhas loucuras”. E depois de mostrar que sua tentativa fora vã ele conclui: “Isto passou. Hoje eu sei saudar a beleza.” Mas se Rimbaud renunciou à “alquimia do verbo” e à poesia outros retornaram suas pegadas. E, quando Marcel Raymond no seu trabalho intitulado *De Baudelaire au Surrealisme* afirma que o “essencial da mensagem surrealista” consiste “atestar que os jogos ainda não

foram feitos” e “que tudo pode ser salvo”, temos um atestado de que a herança de Rimbaud continuava atuante e viva. Herança essa que não se confina apenas ao aspecto formal mas, também, à descoberta daquelas profundidades escuras do nosso submundo instintivo. Todos os simbolistas o foram mas com especialidade o foram Baudelaire e Rimbaud: um grito luminoso e ao mesmo tempo obscuro contra o racionalismo seco e contra o cientificismo pedante do século XIX que limitavam as possibilidades humanas ao círculo estreito da razão e da experiência científica destruindo no homem toda perspectiva de transcendentalidade. Baudelaire e Rimbaud fizeram na poesia a mesma revolução que Bérson fazia na Filosofia, Freud na Psicologia, os impressionistas na pintura e que seria o nascimento dos valores espirituais nos daria um poeta da estatura de um Paul Claudel que dizia: “Rimbaud foi a influência maior que sofri. Outros, principalmente, Shakespeare, Ésquilo, Dante e Dostoievski foram meus mestres e me mostraram os segredos da minha arte. Mas

Rimbaud teve uma influência que chamarei paternal e que me fez crer realmente que há uma geração espiritual assim como há uma geração corporal”. Se aceitarmos o que dizia Saint-Exupéry que a poesia não é nem um dom nem um presente, mas é a ascensão do ser humano – L’ascension de soi-même – podemos afirmar – e por isso mesmo traçamos, embora resumidamente, um roteiro da sua vida – que Rimbaud foi um poeta no verdadeiro sentido da palavra. Porque sua poesia não foi jogo, nem truque, mas foi a expressão sincera, autêntica, vivida das suas angústias, da sua tragédia, da sua existência humana e é isso que até hoje torna sedutora, cativante, atual a obra poética daquele a quem Claudel chamou com tanta precisão de “místico em estado selvagem”. ✕

